



---

**Terceiro Domingo depois de Pentecostes (20/06/04)  
Próprio 7**

**1ª leitura (Antigo Testamento) - Zacarias 12.8-10; 13.1**

O livro do profeta Zacarias tem duas partes bem diferentes: os capítulos 1 a 8 e os capítulos 9 a 14. O Zacarias *histórico*, assim como Ageu, é um defensor da construção do segundo Templo de Jerusalém no pós-exílio. Já os capítulos 9 em diante são uma peça do "*profetismo apocalíptico*". Esse tipo particular de profetismo surge do confronto entre o pensamento concretista hebraico e o idealismo grego. A apocalíptica é um concretismo idealista ou um idealismo realista. Na apocalíptica, o passado (história) e o futuro (sonhos) se encontram para dançar simbolicamente no presente (realidade). Em geral o presente dos textos apocalípticos é muito ruim. Trata-se de situações onde não há uma saída prática clara, onde a tendência geral é desistir e deixar de sonhar ou se acomodar.

O contexto histórico de Zc 9-14 é o domínio grego sobre a Palestina que começa com extrema violência sob o comando de Ptolomeu Soter I. Através do seu exército Ptolomeu arrasou o território desde a Samaria até Jerusalém, saqueou e ainda fez uma grande quantidade de prisioneiros levados para Egito como escravos (aprox. 312 a.C.; cf. Zc 12:2 e 14:2). Lutar contra o domínio grego parecia impossível. Se não fossem dominados pelos Ptolomeus do Egito seriam dominados pelos Seleúcidas da Síria. Como resistir? Como manter a fé em Deus que parece permanentemente derrotado e castigado? Como ter esperança em tempos melhores?

O capítulo 12 de Zacarias aponta para a possibilidade do sonho apesar da dura realidade. Para alguns o versículo 8 seria o final do trecho que começa em 12:2 com a fundamentação teológica da nova esperança no Deus criador. Almeida apresenta como um conjunto 12:1-9. Já a TEB apresenta 12:1 a 13:1. Tudo parece indicar que será difícil entender o versículo 8 (e talvez o 9) sem ler 12:1-7. Diz o versículo 8: "*Naquele dia, o Senhor protegerá os habitantes de Jerusalém...*". Que dia seria esse? Seria no futuro ou é o cerco de Jerusalém por Ptolomeu Soter I? E "*aquele dia*" da libertação do versículo 9 seria quando? Parece que o "*quando*" pouco interessa para a profecia apocalíptica. O "*quando*" já teria começado quando Jerusalém foi sitiada, arrasada e seus habitantes foram mortos e levados cativos. O fim do "*quando*" é que estaria no futuro mas certamente acontecerá pois Deus fortalecerá os habitantes de Jerusalém com seu Espírito de poder e vida (cf. Ez 36,26). Nesse dia haverá tempo para chorar os mortos ("*o traspassado*"; cf. versículo 10 - 14, uma expressão individual que tem sentido coletivo). Mas também as lágrimas limparão "*o pecado e a impureza*" (13,1). O conceito duplo "*pecado e impureza*" também se refere aos gregos que desprezavam totalmente a fé e os costumes judaicos.

Hoje também estamos também cercados por guerras, destruição, violência, corrupção. Às vezes a devastação é tal que nem mesmo dá tempo de chorar os mortos. Por outro lado temos o exemplo de um "*traspassado*" que venceu a morte, Jesus Cristo. O que fazer? Temos de acreditar "*Naquele dia*" que já começou com Cristo e que um dia chegará ao fim com nossa libertação. (HMG).



### 2ª leitura (epístola) - Gálatas 3.23-29

Alguém já disse que o grande problema do Brasil não é a ausência de leis, mas o cumprimento delas. Nosso país pode se orgulhar de ter algumas das leis mais atuais do mundo, contudo, ainda nos envergonhamos com o fato de que o cumprimento dessas leis está restrito a um pequeno grupo da população.

A relação da Igreja com a lei tem sido historicamente um tanto difícil. De um lado existem aqueles que acham que a única possibilidade de relacionamento com a lei está em uma postura de absoluta subserviência ao seu dado escrito, assumindo uma postura que se convencionou chamar de *legalismo*. Do outro lado da moeda se encontram aqueles que advogam uma absoluta separação entre a lei e a Igreja, onde esta se vê completamente independente daquela, a ponto de assumir uma postura *antinomianiana*. Os primeiros acham que a Igreja deve se pautar pela observação estrita de todos os mandamentos e os últimos entendem que já estamos livres da lei e que, por isso, não temos mais que cumprir lei alguma. Nas próximas semanas refletiremos sobre esta relação ambígua entre a liberdade e a legalidade. Mas por hora, é importante que vejamos que a lei tem sua relevância no plano de Deus e que ela tem um papel importante no plano de salvação. Este papel, contudo é muito claramente exposto por Paulo nestes versículos. Pensando nisso, meditaremos hoje sobre o seguinte tema: **Quando a lei cumpre seu papel.**

De acordo com o texto de hoje, podemos compreender que a lei cumpre seu papel, em primeiro lugar, **quando nos encerra**. (v. 23) Pelo que Paulo nos diz, antes da vinda de Cristo a lei servia como uma espécie de prisão que fazia com que todos os judeus se sentissem aprisionados a uma realidade inegável: somos pecadores. A grande razão de ser da lei era nos convencer de que somos falhos, falíveis, pecadores e que estamos, constantemente errando o alvo que Deus estabeleceu para nossas vidas. Esta era a razão de tantos sacrifícios. De tanto derramamento de sangue. Estamos aprisionados à realidade de nossos erros e imperfeições. E, desta forma, tudo o que fazemos tem a marca do erro e do mal. Não podemos agradecer a Deus com todo o nosso ser.

Em segundo lugar, a lei cumpre seu papel **quando nos conduz** (v. 24). Felizmente o papel da lei não é somente nos mostrar que todo o nosso ser está separado de Deus e do outro. O apóstolo Paulo, falando sobre um outro aspecto do papel da lei em nossa vida, nos diz que ela "nos serviu de aio para nos conduzir à Cristo". Ora, o que isso significa? O aio, na cultura grega antiga, era o nome dado a um escravo que tinha a responsabilidade de educar a criança, muitas vezes com castigo, e de protegê-la da influência de elementos errados. Quando a lei mostra nossa condição ambígua ela não o faz para nos destruir ou nos humilhar. Ela assim age para que possamos ter uma correta visão de quem nós somos. Somos essas criaturas ambíguas, *homo sapiens-demens*, simultaneamente bons e maus, que convivem em um mundo onde reina o pecado, a separação, a disjunção, a esquizofrenia nas relações pessoais, sociais e religiosas. O grande papel da lei e cumprido quando ela, em segundo lugar, nos conduz, diz Paulo, "a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé". Dizer isso é afirmar que a lei tem por função nos levar até a presença de Cristo para que, uma vez lá, obtenhamos a declaração de



justificado, não em função do que fizemos ou operamos, mas em função de nossa fé em Cristo e no que Cristo realizou.

Finalmente, a lei cumpre seu papel **quando sai de cena** (v. 25). Uma vez que o aio cumpriu o seu papel, não precisamos mais dele, diz Paulo. Não há sentido em nos livrarmos da lei pela chegada de uma nova realidade, a realidade da graça, e ainda continuarmos a praticar os rudimentos da lei como se ainda estivéssemos submissos à lei. Pelo contrário, para que a lei cumpra seu papel de forma cabal, ela tem que sair de cena e deixar que a graça de Deus agora mostre o caminho a seguir. A nova realidade é marcada não pela sensação de fracasso que nos vinha quando errávamos o alvo, mas pela sensação de liberdade, resultado de nossa aceitação por Deus em Cristo.

A grande dificuldade de muitas pessoas é que elas se prendem à lei e querem permanecer com ela mesmo depois de terem conhecido a graça. Isto não é possível, segundo Paulo. Uma vez que estamos "em Cristo" não podemos mais nos submeter aos rudimentos da lei como se a cruz nada significasse para nós. Nossas igrejas não deveriam ser lugares de valorização da lei, porque ela teve seu papel no plano de salvação e já não é mais necessária para o cristão. Estamos livres da lei porque estamos mortos com Cristo. Ela já não tem mais domínio sobre nós. Vivamos, portanto uma vida de liberdade, porque foi para a liberdade que Cristo nos libertou. (JLFA)

### Santo Evangelho - Lucas 9.18-24

Pesquisas de opinião pública se tornaram comuns em nossos dias. Seus resultados são divulgados na mídia e servem para orientar os políticos, o comércio e a indústria. O episódio relatado no evangelho de hoje acontece após Jesus já ter feito muitas curas, milagres e proferido muitos ensinamentos. Ele agora pergunta aos discípulos até que ponto as pessoas que ele atingia percebiam o significado de sua vida e de seu ministério. A pergunta de Jesus desencadeia um relatório de pesquisa que associa Jesus com personagens muito presentes no imaginário popular da época: João Batista, Elias, Jeremias (conforme o relato de Mateus) ou algum dos profetas antigos. Havia, portanto, grande confusão quanto à pessoa e obra de Cristo. Não satisfeito com aquelas respostas, Jesus agora exige um posicionamento pessoal: "e vocês? Quem vocês dizem que eu sou?"

A cristologia tem sido um dos ramos mais férteis da Teologia. Cristologia é todo estudo que fazemos sobre a pessoa e obra de Jesus Cristo. Isso não é tarefa somente para teólogos profissionais. Antes, é uma resposta pessoal que damos, e que evidencia o modo como compreendemos Jesus. A resposta de Pedro foi entusiasmada: "Tu és o Messias". Ocorre, porém, que a imagem forjada pelos discípulos não era muito diferente daquela criada pelo povo, que via em Jesus a figura do messias político. Jesus percebeu que seria necessário desmontar essa imagem e eliminar os obstáculos que impediam os discípulos de atingirem uma visão mais clara de sua obra na terra. Para Jesus, não interessa ter seguidores manipulados, inconscientes do que



ele pretendia realizar, mas seguidores que compreendam o mistério maior da vida do Mestre e Salvador.

Jesus revela um segredo que escandaliza: Ele teria que sofrer muito, ser rejeitado e morto, e só depois disso, ressuscitar. Sem a cruz e o sofrimento nem mesmo os discípulos compreenderiam a natureza de Jesus. Essa realidade se torna base para o discipulado. E o discipulado não é apenas para os apóstolos, mas para "todos" (v.23), ou seja, para toda a comunidade, para todos nós que nos dizemos cristãos.

Esse discipulado não é fácil. Implica na disposição para perder a vida por causa de Jesus. (v.24) Isso implica em renunciar aos valores que herdamos do mundo. Exige a negação de nossa vontade e de nossas preferências pessoais em prol de algo maior: a capacidade da entrega, da doação voluntária de si mesmo.

Na época em que o texto foi escrito, isso significa concretamente a morte física. Eram tempos de perseguição. Hoje, os cristãos já não são tão ameaçados assim, pelo menos em nossa cultura. É bem mais fácil hoje professar-se cristão. O problema é que os mecanismos de morte são outros. A gratuidade e a solidariedade não parecem fazer parte das preocupações de muitos cristãos, sobretudo alguns membros da igreja que sempre colocam suas prioridades antes das prioridades do evangelho.

Talvez o maior desafio que tenhamos hoje, seja esse: perguntar diretamente aos que freqüentam a igreja: "afinal, quem é Jesus para você?" Apenas um nome do passado? O nome que damos a algo que evoca em nós algum sentimento piedoso? O nome que damos a um ídolo que promete salvar nossa vida e nos livrar do sofrimento? Qual é, afinal, nossa cristologia? A resposta sempre é pessoal. E só será resposta correta se, em seu bojo, estiver incluída a disposição para renunciar a certos valores e privilégios, pois só quem "perde a vida" por amor de Cristo, terá essa vida salva. (CEBC)